

CENTENÁRIO DE FREI BERNARDINO: ATUALIDADES E ATUALIZAÇÕES

Oton da Silva Araújo Júnior, ofm¹

Resumo: O centenário de nascimento de Frei Bernardino Leers (novembro de 2019) é ocasião de revisitar algumas de suas contribuições para o campo da teologia moral, a fim de perceber a vanguarda de sua proposta à época, a atualidade de tais posições, bem como as limitações que o tempo se lhe impuseram. Frei Bernardino foi um dos grandes responsáveis pela renovação conciliar da moral no Brasil. Sua atuação se deu a partir dos anos cinquenta, considerando sempre a realidade da população, com seus sonhos e desafios concretos. Num período posterior, passa das preocupações rurais para questões mais abrangentes, como a homossexualidade e o diálogo com o magistério pontifício. Seu legado continua a despertar a teologia a fugir das abstrações e dogmatismos e a se enveredar para o concreto-vivido, dos discípulos de Cristo, Deus encarnado em nossa história. **Palavras-chave:** Frei Bernardino. Teologia moral. Pastoral rural. Homossexualidade.

Abstract:

The centenary of Friar Bernardino Leers's birth is an opportunity to revisit some of his contributions to the field of moral theology, in order to understand the vanguard of his contributions for that time, the actuality of such positions, as well as the restrictions he had at that period.

Friar Bernardino was one of the main responsible for conciliar renewal of morality in Brazil. His performance took place from the fifties, always considering the reality of the population, with its dreams and concrete challenges. At a later time, he shifts from agricultural concerns to broader issues such as homosexuality and dialogue with the pontifical magisterium.

His legacy continues to awaken theology to flee from abstractions and dogmas and to travel down to the concrete-lived disciples of Christ, God incarnate in our history.

Keywords: Friar Bernardino. Moral theology. Rural pastoral. Homosexuality.

O passado como presente

Contemplar o passado sempre trará riscos, pois, embora os olhos se voltem para trás, os pés permanecem fincados no agora. As comparações serão quase inevitáveis e os anacronismos, uma tentação constante. Mas como remexer o passado sem considerá-lo ‘ultrapassado’, sem interferência na atualidade? Ou, como desgarrar-se dele e perceber que o presente se emancipou?

De outro modo, só na distância do tempo podemos ter a clareza necessária para determinadas análises, afinal, refletir a história em seu acontecer seria como trocar o pneu de um carro em movimento. Na distância do tempo, será possível (mas nem sempre!) esterilizar-se das paixões e desconfiar para poder contemplar a vida com mais objetividade.

¹ Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, Academia Alfonsiana. Professor do Instituto Santo Tomás de Aquino. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Diretor Pastoral do Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte. freioton@gmail.com.

O presente artigo pretende revisitar a contribuição de Frei Bernardino Leers, cujo centenário comemoramos em 2019, a fim de capturar algumas lições deixadas por ele, bem como reconhecer os limites que a atual reflexão ética teológica lhe impõe. A cada passo, buscar-se-á tirar possíveis lições, válidas para nossos tempos. Antes de iniciar, cabe dar os devidos créditos a este teólogo holandês: foi ele o primeiro a propor uma teologia moral com sabor brasileiro, buscando entender o *ethos* de onde estava, antes de apresentar os valores da tradição cristã (método indutivo).

1. Origem e formação

Ferdinand Antonius Joseph Leers nasceu em 8 de novembro de 1919, em Bergen op Zoom, no sul da Holanda. De família eminentemente católica, foi o quarto filho em uma família de sete descendentes, dois homens e cinco mulheres. Sua formação se deu durante a II Grande Guerra. Enviado a Roma pelos seus superiores, cursou teologia moral no Antonianum.

Sua tese foi defendida em 31 de outubro de 1951, com o título: *‘De Homini Odienti, problematum inquisitio quoad theologiam moralem’*, na qual já se notava o desejo de romper com as formulações ontológicas, expressa em abstrações impessoais: ‘a’ pessoa humana, ‘o’ homem, ‘a’ sociedade. O Concílio, convocado oito mais tarde, insistiu justamente em evitar uma reflexão abstrata a respeito da realidade humana, nos moldes da casuística manualista. A partir dali, o desejo era partir da vida vivida, concreta, palpável, para então apresentar os valores evangélicos e a ética cristã, baseada na pessoa de Jesus.

Inicialmente, a proposta era que Frei Bernardino assumisse as aulas num convento franciscano na Holanda, mas, por uma necessidade de reposição no quadro de professores em Divinópolis, Minas Gerais, foi mandado para esta cidade interiorana. Antes, porém, teve um período de aclimatação em Salinas, no norte do estado. Aqui começa outra história.

Debaixo do braço, Frei Bernardino trazia os manuais de moral, produzidos sob a ótica europeia, com métodos herméticos da casuística que explicavam ‘todos os segredos da terra e do céu’. Mesmo muito reticente daquelas concepções, era o que havia. Mas em Salinas, o choque cultural foi tão impactante que a conclusão não poderia ser outra: aqueles manuais europeus nada diziam para a realidade concreta, rural, semianalfabeta, pobre, de Salinas. Dois caminhos poderiam ter sido tomados: impor o modelo moral europeu àquela gente - aliás, como fizeram muitos missionários das mais diversas congregações, sobretudo durante a

Romanização; ou se abrir e querer entender, primeiramente, aquele *ethos* diferenciado. Não é preciso esforço para intuir que a primeira possibilidade foi logo descartada.

2. A pastoral rural

Em menos de dois anos em Salinas, Frei Bernardino chegou finalmente a Divinópolis para iniciar as aulas. Embora seus superiores o quisessem voltado à docência em tempo integral, e não à ‘cura de almas’, ele tentou conciliar o mundo acadêmico e uma presença efetiva junto à zona rural, o que representava a maioria da população dos anos cinquenta.

Ao chegar, o cenário foi impactante: um alto índice de analfabetismo, seguido de várias questões de saúde, sobretudo de verminose. O que fazer? Rezar para que Deus pudesse sarar e alfabetizar as pessoas? Culpabilizar a população, adjetivando-a de acomodada, sem iniciativas?

Aos poucos, essas duas frentes de atuação se firmaram ao lado da assistência sacramental: a melhoria da educação e da saúde. Essa pastoral rural durou algumas décadas e trouxe ganhos significativos para as pessoas, pois repelia-se toda forma de assistencialismo, ao buscar capacitá-las para que elas mesmas pudessem dar continuidade às ações. O choque veio quando o bispo quis intervir na pastoral e nomeou outros padres para a pastoral rural.

“Depois praticamente fiquei fora. Mas graças aos líderes formados, o sindicato atraiu trabalhadores da região rural toda e cresceu em força” – contava Frei Bernardino. Frei Leonardo Lucas, seu fiel companheiro, relembra: “com a entrada de dois sacerdotes nomeados pelo bispo para a pastoral rural, houve um recuo forte para dentro da Igreja, a mentalidade de antes do Vaticano II, deixando para trás a inspiração de *Gaudium et Spes*” (PEREIRA e TOSTA, 2000, p. 101). Mesmo não tendo abandonado o contato com a zona rural, aquele primeiro período áureo de sua atuação chegara ao fim.

3. Lições desse período

Uma das características mais marcantes em Frei Bernardino foi sua capacidade de conciliar a vida acadêmica com uma atuação concreta. Para isso, foi preciso uma santa desobediência, que o fez dedicar-se à pastoral mesmo que num primeiro momento a contragosto de seus superiores. Lição número 1: a aplicação aos livros, às aulas, à teoria se complementarão na vivência das pessoas; estas, por sua vez, apresentarão as demandas sobre as quais o teólogo deveria refletir. Um método assim será contraposto à uma ‘teologia de gabinete’, muito

preocupada com a precisão conceitual, as citações corretas, mas desencarnada, ou mesmo alienante. Hoje, parece ser esta uma das grandes preocupações do Papa argentino: é preciso “comprometer-se a favor de uma teologia moral que não hesita em ‘sujar as mãos’, com a concretude dos problemas, principalmente com a fragilidade e o sofrimento daqueles que mais veem ameaçado o seu futuro”.²

Lição número 2: estar aberto às interpelações advindas do povo, do contrário, cair-se-á na armadilha de a Igreja querer responder a perguntas que ninguém mais faz (Agenor Brighenti). Privilegiar uma pastoral dialógica certamente dará mais trabalho, afinal, nem sempre as coisas serão como escritas no papel; no entanto, as interpelações do que realmente vivem os homens e mulheres são o primeiro passo na dinâmica do discipulado.

4. Uma pedagogia dialogal

Um segundo período na vida de Frei Bernardino foi sua dedicação mais intensa com os estudantes de teologia em Divinópolis e em Belo Horizonte, onde se iniciava o Instituto de Filosofia e Teologia ligado à Universidade Católica, hoje PUC Minas. Como já foi dito, ele manteve o contato com o povo rural, mas agora de forma mais esparsa. Eis que entra em cena o professor holandês, instigador de seus alunos.

Frei Bernardino foi um crítico mordaz de todo tipo de autoridade com egos inflados. Eclesiásticos ou não, eram alvos prediletos de suas anedotas e provocações. De seus disparos giratórios, poucos saíam ilesos. Mas não era uma rebeldia amargurada, antes, o modelo que o inspirava era o do Mestre de Nazaré, a Igreja, como nos Atos dos Apóstolos. E, é claro, o jeito holandês lhe credenciava a não olhar para os lados para dizer o que pensava. Anedoticamente, alguns relembram uma fala de Frei Bernardino num encontro da Pastoral Familiar, em Belo Horizonte, tendo na primeira fila o arcebispo Dom João Resende. Com a plateia cheia, Frei Bernardino provocara: “Não pensem vocês que o magistério tenha resposta para todas as coisas. Não, ele não tem. Não é mesmo, Dom João!?” Conta-se que o bispo se apequenou na cadeira e teria balbuciado ao final: “Não chamem mais ele”.

Não sabemos ao certo em que ano essa cena teria acontecido, no entanto, essa foi justamente uma das afirmações conciliares:

² FRANCISCO, Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana por ocasião dos 70 anos da instituição (09.02.19). disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html Acesso em: 24 set. 2019

Não pensem que os seus pastores estão sempre de tal modo preparados que tenham uma solução pronta para qualquer questão, mesmo grave, que surja, ou que tal é a sua missão. Antes, esclarecidos pela sabedoria cristã, e atendendo à doutrina do magistério, tomem [os leigos] por si mesmos as próprias responsabilidades (*Gaudium et Spes*, n.43).

Em nossos dias, o Papa Francisco, ao dizer sobre a importância das conferências episcopais, foi na mesma direção: “não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo” (*Evangelii Gaudium*, n.16). Ou seja, Frei Bernardino estava corroborado.

No ambiente de sala de aula, os estudantes eram incentivados a participar ativamente das discussões. O que hoje pode parecer normal, para a época significava um grande avanço, tendo em vista que o professor falava *ex cathedra*, um degrau acima dos demais.

Importa – segundo Frei Bernardino – o que cada um dos aprendizes da moral pensa, quer, decide e faz mais do que saber o que os outros pensavam, queriam, decidiam e faziam. Pela participação simbiótica com os textos e autores, o estudioso da Teologia Moral ganha autoconfiança suficiente e autonomia de agir, na medida em que criticamente se relaciona com eles, integra os novos conhecimentos em sua vida e toma posição, em vez de cegamente se apoiar na autoridade dos outros (LEERS, 1988, p. 299).

No curso de teologia, em preparação para os futuros presbíteros, ficou famoso o ‘laboratório de confissões’: o professor se ajoelhava aleatoriamente aos pés de um dos estudantes, recitava uma série de pecados fictícios, muitos deles ‘cabeludos’, e observava as orientações que o ‘confessor’ dava. “Os outros podiam rir à vontade” (LEERS, 2010, p.15).

Em tudo isso, a moral católica ia se renovando. Não era mais possível manter concepções herméticas, respostas dadas de antemão, princípios que desconsiderassem o viver concreto das pessoas. Era exatamente assim o método da chamada casuística, o qual desvinculava a Sagrada Escritura da Grande Tradição e a Teologia Sistemática; havia um excessivo legalismo; um pessimismo dualista, que separava nitidamente a terra e o céu, o tempo e a eternidade, o material e o espiritual, o profano e o sagrado, e que enfatizou muito mais as cores do pecado e ofuscou as da Graça.

Nessa nova abordagem, nascida a partir do Concílio, a moral foi chamada a considerar a beleza e o esforço legítimo das pessoas em aderirem ao bem possível, percebendo a presença de Deus no cotidiano da vida, em suas agruras e esperanças.

5. Lições possíveis desse período

Para a Igreja como um todo, aprender a dialogar é sempre um bom exercício, embora desafiador. O Concílio Vaticano II se deu a este trabalho: aceitou dialogar e, ainda, fez as pazes com o mundo moderno e abandonou o pressuposto de acusações e condenações.

No caso de Frei Bernardino, fica nítido que o contato com um universo diferente do prescrito nos manuais de moral europeus lhe deu uma boa capacidade dialogal. Foi aprendendo aos poucos a dar voz aos agentes da moral, às pessoas de carne e osso.

Relembra Frei Bernardino:

O cristão era ouvinte sem ouvido; calava a boca sem poder falar; tinha consciência moral dependente que procurava a liberdade no jeito. Agora, a própria autoridade está envolvida em processo de autolibertação, para encontrar formas de comunhão que criem abertura e estimulem o diálogo e a participação dos próprios agentes católicos que não de praticar as orientações e diretivas. Este ideal não se realizará enquanto a seleção dos participantes ficar monólogo da autoridade, querendo apenas ouvir o eco de sua própria voz (LEERS, 1988, p. 302).

Atualmente, esse pressuposto continua a provocar. Para refletir a ética cristã a partir das famílias, dos adolescentes, dos enfermos, dos homoafetivos, dos negros, enfim... faz-se necessário ouvi-los atentamente; do contrário, o monólogo continuará a jogar palavras ao vento, que não interessam a ninguém.

Na prática, – dizia Frei Bernardino – a procura da verdade ética supõe a consulta, o diálogo e o processo decisório na amplitude de todos os fiéis, desde os bispos até o último dos leigos fiéis e sua experiência de vida cristã. Sem este consenso, os pronunciamentos éticos se tornam facilmente autoritários (LEERS, 1997, p. 27).

6. Terceira fase: temas atuais

Frei Bernardino faleceu aos 91 anos; estava com percentuais baixíssimos de visão e problemas na bexiga. Mas quem, por acaso, imaginou um senhor cabisbaixo, inerte, esperando a visita da irmã morte, equivocou-se. Há tempos o frade holandês vinha se dedicando a assuntos mais atuais, não mais ligados ao mundo rural, mas voltados para as questões candentes da sociedade. Para ler, utilizava um aparelho que aumentava muito as letras e as projetava numa tela, a ponto de uma palavra maior mal caber na projeção, o que dá a ideia da dificuldade. Escrevia à mão, usando folhas com pautas grossas e alargadas.

Nessa fase, dentre outros temas possíveis de serem lembrados, serão apresentados aqui os escritos sobre a moral familiar, a relação entre a teologia moral e o magistério e as questões éticas ligadas à homossexualidade.

a) Moral familiar

As questões relativas à vida familiar são tratadas em uma série de artigos, sobretudo dos anos noventa. A questão de fundo são as modificações que vêm ocorrendo na família brasileira, desde as técnicas contraceptivas, as separações, o pansexualismo, o aborto, dentre outras. O objetivo do autor era ajudar a “manter a cabeça em seu lugar, analisar os fatos, as pessoas e as situações e tentar descobrir luzes que possam iluminar melhor a caminhada do povo peregrino neste mundo complexo e, muitas vezes, confuso” (LEERS, 1997, p. 127). Ou seja, em primeiro lugar, entender o universo das pessoas para, a partir dali, apontar as luzes possíveis no caminho.

O frade estava ciente de que a consciência dos fiéis conhece seus limites e sombras, e nunca representa cópias fiéis de um manual de moral católica. O fato de muitas famílias católicas não terem mais contato regular com a Igreja institucional não quer dizer que os casais não sabem o que seja amor, fidelidade, honra, senso de dever e não eduquem seus filhos em valores humanos, insistia (Cf. LEERS, 1997, p. 465). Assim, Frei Bernardino não se preocupava tanto se as pessoas tinham ou não uma participação ativa na Igreja, mas se eram pessoas com motivações éticas.

A este respeito, o Concílio pronunciara:

[Os cônjuges], de comum acordo e com esforço comum, formarão retamente a própria consciência, tendo em conta o seu bem próprio e o dos filhos já nascidos ou que preveem virão a nascer, sabendo ver as condições de tempo e da própria situação (...). São os próprios esposos que, em última instância, devem diante de Deus tomar esta decisão (*Gaudium et Spes*, n. 50).

Em 2016, o Papa Francisco publicou a exortação apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, na qual a consciência moral dos fiéis é um critério fundamental para a vivência familiar:

Quanto mais procurarem os esposos ouvir, na sua consciência, a Deus e os seus mandamentos e se fizerem acompanhar espiritualmente, tanto mais a sua decisão será intimamente livre de um arbítrio subjetivo e da acomodação às modas de comportamento no seu ambiente (*Amoris Laetitia*, n. 222).

Mais uma vez, as motivações de Frei Bernardino estão plenamente ancoradas pelas disposições gerais da Igreja, valorizando a consciência dos fiéis em seus processos decisórios, neste caso, referentes à vida familiar.

Essa breve indicação serve de referência para intuir, por exemplo, o modo como Frei Bernardino acolheu as indicações de *Humanae Vitae* (1968), de Paulo VI, ao apresentar as objeções aos métodos contraceptivos. A referida encíclica é considerada uma das mais controversas na Igreja contemporânea, tendo causado reações aguerridas em alguns, e um

‘cisma silencioso’ em outros tantos. *Amoris Laetitia* também causou sérios debates antes e depois de sua publicação, sendo motivo para que alguns cardeais acusassem o papa de desvio da tradição católica. Não vamos embrenhar-nos nessa mata fechada, mas o acento na consciência dos fiéis, para Francisco, – e também *Gaudium et Spes* e Frei Bernardino - deveria prevalecer até mesmo sobre as determinações magisteriais.

b) A relação entre o Magistério eclesiástico e os teólogos da moral

Em continuidade ao item anterior, outro argumento que merece ser lembrado na obra de Frei Bernardino é o diálogo entre os teólogos moralistas e o magistério oficial da Igreja. Esses escritos foram produzidos sob o magistério de João Paulo II, cujo período, segundo Libânio, significou “a volta à grande disciplina” (Loyola, 1983), do silêncio obsequioso. A advertência mais forte de Frei Bernardino à época era que as disposições do magistério vinham ‘de cima para baixo’, sem considerar devidamente as possibilidades concretas das pessoas, exatamente o oposto ao que o Concílio prescrevia.

A esse respeito, Frei Bernardino alertava:

Tanto os pronunciamentos do Magistério, quanto as teses dos moralistas são duplamente secundários. O verdadeiro acontecimento histórico primário é a própria consciência moral de cada um, com suas luzes e limites. Na perspectiva eclesial, está sensivelmente interrelacionada às formas epocais do senso moral do povo de Deus, em que a vivência da fé, a experiência e sabedoria da vida e o conhecimento científico se misturam (LEERS, 1991, p. 87).

O ministério dos teólogos, sobretudo dos moralistas, segundo Frei Bernardino, não pode contentar-se em repetir o que o Magistério oficial da Igreja prescreve. Cabe à teologia um diálogo, uma interpretação que, por vezes, creditará a posição apresentada, e em outros momentos a criticará, pelo bem à Igreja e ao projeto que esta representa.

Enquanto numa longa série de encíclicas e cartas, os Papas fazem teologia e uma determinada teologia, praticadas nas escolas romanas, o trabalho dos teólogos é reduzido ao do glossarista medieval, comentarista e divulgador, sem ideias próprias” (LEERS, 1991, p. 67).

E advertia: “Se surge um novo problema social ou novidade científica, ou o profissional não quer perder o emprego, é só esperar e já sai uma resposta pronta da autoridade eclesiástica do Vaticano ou da CNBB” (LEERS, 2010, p.19).

Quando os teólogos encontrarem dificuldades perante o magistério, há o conselho:

Se, como pode acontecer, encontrarem dificuldades por causa do caráter de sua investigação, eles devem procurar solucioná-las mediante o diálogo confiante com os pastores, no espírito de verdade e de caridade, que é o da comunhão da Igreja.³

Em resumo, Frei Bernardino acreditava que os teólogos, e neste caso específico os da moral, não podem se eximir de refletir, propor, interagir com o magistério oficial, não como um rebelde que está sempre ‘do contra’, nem como um defensor acrítico, mas como um serviço eclesial importante, que leva a Igreja a ouvir diferentes vozes e a poder optar pelos melhores caminhos, o que será dificultado caso haja um monólogo impositivo.

c) Ética e homossexualidade

O primeiro desses escritos é de 1988 (‘Homossexuais e ética da libertação’). O posicionamento do frade a esse respeito não é algo panfletário, mas de inclusão de todos ao redor do Mestre Jesus, sem discriminação.

Mais que se deter às causas da homossexualidade, Frei Bernardino se preocupava em como a sociedade e a Igreja reagem perante tais pessoas. Pensava que o termo ‘homossexual’ fosse demasiado genérico para falar das experiências concretas de cada um. Suas reflexões foram na linha da libertação: assim como se deu com os negros, as mulheres, os pobres em geral, se deveria considerar a inclusão dos homossexuais.⁴

Desde o livro *O Ministério da Reconciliação: uma ética profissional para confessores*, cuja primeira edição é de 1988, até *Homossexuais e Ética Cristã*, de 2002, há algumas opiniões que valem a pena ser consideradas. O contexto do primeiro livro é a práxis dos confessores, sendo que a referência à homossexualidade se dá em duas pequenas frases, não sendo o foco de sua preocupação naquele momento. Não se deve, de antemão, pensar que tenha ocorrido uma virada entre a condenação e a acolhida, mas na maneira de compreender o assunto.

O texto sobre a ética dos confessores traz duas frases sobre os homossexuais (grifos nossos): a) “a amizade de homossexuais significa aqui a convivência erótico-sexual de duas

³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Donum Veritatis*, Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo, 1990, n. 40.

⁴ “Para enfrentar a homofobia estrutural, os homossexuais precisam de algo mais do que a firmeza da amizade mútua; precisam se organizar para defender seus direitos e acusar publicamente as formas de discriminação de que são vítimas (...). Como os movimentos de emancipação dos operários, mulheres, negros e índios sempre de novo demonstram a quebra de padrões tradicionais de comportamento gera muita resistência dos conservadores do status-quo. Levantar a voz em público produz o escândalo que os moralistas clássicos chamam farisaico e que geralmente aumenta a pressão social e a perseguição já existente das forças dominantes”. Bernardino, LEERS, *Homossexuais e Ética da Libertação*, in: LEERS, Bernardino, *Em Plena Liberdade*. Belo Horizonte: O Lutador, 2010, 32.

peessoas do mesmo sexo, sejam homens, sejam mulheres, ambos estruturalmente homossexuais *sem previsão de cura* ou possibilidade de tratamento terapêutico adequado”; b)

“Também neste contexto não há lugar para uma negação radical da absolvição; há lugar para medir a boa vontade do outro e suas possibilidades reais de ser cristão, apesar de sua *anomalia psíquica*” (LEERS, 2008, p. 172 e 177, respectivamente).

Ambas as citações expressam uma mentalidade que, embora ainda faça parte de alguns círculos, era praticamente a voz comum em torno dos homossexuais, como alguém passível de cura (logo, doente), e psicologicamente distorcido. Como no livro para confessores Frei Bernardino não elabora a fundo a questão, não é tão simples intuir o que ele compreendia por homossexualidade naquele período. Deve-se, porém, reconhecer que a relação que propõe entre o confessor e o penitente homossexual é de acolhida sincera, sem julgamentos demasiados, além da matéria confessada.

As orientações que o frade faz incluem no mesmo exemplo as pessoas cujo matrimônio não prosperou. A estas, aos homossexuais e a tantos outros casos complexos do exercício da vida cristã, vale recordar:

A questão não é a aprovação da solução limitada de emergência que o penitente deu. Compreendendo prudentemente a necessidade relativa em que ele se encontra, o ministro não o jogará mais ainda no abismo, lembrando-lhe leis que ele não consegue alcançar mais; muito menos há de condená-lo ou tratá-lo com dureza farisaica. Conversará com calma. Acolhê-lo-á com simpatia, tratá-lo-á com compreensão, sem excluir aprioristicamente a possibilidade da reconciliação com Deus enquanto continuar o segundo convívio matrimonial. Algo semelhante seja feito com as pessoas que vivem casadas, mas (ainda) não querem casar na Igreja (LEERS, 2008, p. 175).

Especificamente sobre a assistência espiritual dos homossexuais, Frei Bernardino orienta que “um dos serviços que o ministro pode prestar a um homossexual consiste exatamente em ajudá-lo a aceitar seu estado diferente, usar os talentos que de fato recebeu e viver de cabeça erguida numa sociedade que geralmente o marginaliza e mantém no ostracismo” (LEERS, 2008, p. 176).

Nos últimos anos de vida, a questão das ‘pessoas homossexuais’ (como gostava de dizer) foi o grande tema de suas reflexões. Frei Bernardino defendia que esses merecem um lugar digno na sociedade, na Igreja. Entendia que o amor humano poderia se dar também de forma homossexual, sem que isso fosse considerado algo doentio ou patológico.

Atualmente, a pauta da homoafetividade vem considerada pelos estudos de gênero (apresentada, erroneamente, como ‘ideologia de gênero’) e causa debates efervescentes. Mais uma vez, não é caso de aprofundar o tema. Limitamo-nos a apresentar a proposta de Frei

Bernardino, surgida há mais de trinta anos e que ainda se refere a temas não integrados na sociedade atual.

7. Temáticas [praticamente] ausentes na obra de Frei Bernardino

Ao indicarmos os limites da contribuição de Frei Bernardino para o campo da moral católica, não estamos sugerindo equívocos, que também podem ter ocorrido, mas ressaltamos a ideia de ‘chegar a um determinado ponto e não avançar’. No caso das questões morais, não há concepções estáticas, válidas para todo o sempre, uma vez que o *ethos* social se modifica cada vez mais veloz, graças às novas mídias de comunicação, melhor acesso aos bens de consumo, e tantos outros fatores. O próprio Frei Bernardino reconhecia que não conseguia acompanhar todas as nuances apresentadas pela complexidade social, como as temáticas relacionadas à bioética, que à época já começavam a ter um caráter mais abrangente para além dos assuntos médico-laboratoriais, mas que, mesmo assim, faziam-no constatar sua limitação. Tal fato pode ser ilustrativo também para saber a hora de se calar. No contexto popular, muitas vezes ouvimos a expressão de que determinada pessoa “perdeu a oportunidade de ficar calada” perante uma temática a qual não dominava suficientemente. Opinar sobre tudo, ao contrário de mostrar um amplo conhecimento sobre determinado assunto, pode levar a ciladas vexatórias.

Outra questão quase não explorada por Frei Bernardino refere-se às crianças e juventude. Em seu campo de visão, estavam homens e mulheres maduros, senhores da própria vida. No caso da juventude, os textos referentes são esparsos,⁵ localizados num grande arco de tempo, dificultando uma síntese entre eles. Em se tratando das crianças, o silêncio do autor é quase completo. O tema da infância é tratado de relance em alguns artigos, mas nunca foi a razão de suas reflexões, salvo textos ligados à catequese, mas com tônica bem particular.

No entanto, se o teólogo tinha por meta a formação de cidadãos responsáveis, que em suas famílias colocariam as propostas cristãs em prática, a juventude mereceria um olhar mais atento. O período dos anos 80 foi de grande intensidade para o universo jovem, frequentemente comparado com os de duas décadas atrás, militante e mais politizado. Os jovens dos anos 80 foram rotulados como sem interesse pelo mundo sociopolítico, desejosos simplesmente das

⁵ Textos referentes à juventude: LEERS, Bernardino, Para uma fenomenologia da juventude: elementos de reflexão pastoral, in: *Perspectiva Teológica* 14/33 (1982) 239-251; A convivência de jovens e de mais idosos na vida religiosa, in: *Convergência* 40/379 (2005) 53-64; O uso das drogas numa perspectiva sociocultural, in: *Logos* 3/6 (1976) 11-30.

festas ao som do *rock'n'roll*. Pois bem, nada disso foi devidamente considerado pelo teólogo franciscano.

Frei Bernardino, como já se acenou, quase sempre se ateu às questões que cercavam sua atuação. Como não estava devidamente inserido no mundo da infância e juventude (com exceção ao mundo universitário), seu silêncio a respeito é quase completo.

Outro silêncio em sua obra refere-se às questões ecológicas, que, de fato, há poucas décadas ainda não traziam grandes contribuições, e quando as fazia, eram taxadas de radicalismos alarmistas, com temáticas exóticas de animais e plantas, sem uma devida referência ao ser humano. Podemos lembrar ainda as pesquisas atuais ligadas à biotecnologia, à inteligência artificial, que se apresentam sempre mais imperativas. Por essa razão, Frei Bernardino não tinha como se debruçar sobre tais assuntos, surgidos muito recentemente.

8. Lições que permanecem

Se tomarmos como referência os manuais pré-conciliares de Teologia Moral, com sua casuística implacável, suas explicações herméticas, seu método dedutivo, percebemos de imediato a relevância da contribuição de Frei Bernardino. À sua frente estava uma pessoa concreta, com seus problemas, sonhos e motivações, senhora de si, consciente e responsável, que talvez não soubesse de toda sua potencialidade, e que, como escultor, tivesse de fazer emergir a estátua escondida dentro da rocha.

A obra de Frei Bernardino é o retrato fiel das propostas do Vaticano II para o campo da moral católica, não mais escandalizada pelo pecado, mas celebrante da Graça, de um Deus feito carne, inserido no tempo de homens e mulheres peregrinos.

Ele soube conciliar as práticas de fé com o engajamento social, identificando os problemas e atuando a fim de corrigi-los, considerando o magistério eclesial como de fato o é: servidor do povo de Deus, não guarda-costas da ortodoxia inquebrantável, mas disposto a acompanhar ‘com cheiro de ovelhas’ os fiéis a eles confiados.

Frei Bernardino cultivou uma intelectualidade despojada, não foi um teólogo de gabinete, elucubrando em mônadas esterilizadas, mas alguém que viu que o preparo intelectual deveria ser um ministério, a serviço “de uma gente que ri quando deve chorar, e não vive: apenas aguenta”.

Sempre que a lei for dura demais, que houver uma cisão, ou práticas alienantes entre dimensão espiritual e atuação social, um moralismo que apregoa mais o pecado do que o perdão

e a misericórdia, um discipulado sem carne, uma vivência da fé desprovida de humor, ali haverá sempre a oportunidade de recorrer a este teólogo holandês e lhe perguntar: “e aí, Frei Bernardino?!”

REFERÊNCIAS

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, 1965.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Donum Veritatis*, Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo, 1990.
- FRANCISCO, Papa. Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana por ocasião dos 70 anos da instituição (09.02.19). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papafrancesco_20190209_accademia-alfonsiana.html. Acesso em: 17 ago. 2019.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, 2016.
- LEERS, Bernardino. Contradições na Igreja inculturada no Brasil. *Convergência* 23/213, p. 288-304, 1988.
- LEERS, Bernardino. Ensinar Teologia Moral na América Latina, in: DOS Anjos, Márcio Fabri (Org.). *Temas Latino-Americanos de Ética*. Aparecida: Santuário, 1988, 279310.
- LEERS, Bernardino. Evangelho e Família. *Convergência* 22/306, p. 462-474, 1997.
- LEERS, Bernardino. **O Ministério da Reconciliação**: uma ética profissional para confessores. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEERS, Bernardino. **Família, Casamento, Sexo**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEERS, Bernardino. **Em Plena Liberdade**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.
- LEERS, Bernardino. **Moral Cristã e Autoridade do Magistério Eclesiástico**: conflitodiálogo. Aparecida: Santuário, 1991.
- LEERS, Bernardino. Família, Ética e Tecnologia. *Revista de Cultura Teológica* 21, p. 115128, 1997.
- LIBÂNIO, Loyola, 1983.
- PEREIRA, Leonardo Lucas; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira (Org.). **Frei Bernardino**: um jeito de viver. Petrópolis: Vozes, 2000.

- _____, Família, Ética e Tecnologia. *Revista de Cultura Teológica*, 21 (1997) 115-128.
- _____, *Moral Cristã e Autoridade do Magistério Eclesiástico: conflito-diálogo*, Santuário, Aparecida 1991.
- _____, *O Ministério da Reconciliação: uma ética profissional para confessores*, Vozes, Petrópolis 2008 (2ª.ed).
- _____, *Em Plena Liberdade*, Belo Horizonte: Lutador, 2010.